

Personagens travestis, violência e subalternidade no romance contemporâneo brasileiro (2000-2016)

Luiz Henrique Moreira Soares
Rosiney Aparecida Lopes do Vale
Adenize Aparecida Franco

Como citar: SOARES, Luiz Henrique Moreira; VALE, Rosiney Aparecida Lopes do; FRANCO, Adenize Aparecida. Personagens travestis, violência e subalternidade no romance contemporâneo brasileiro (2000-2016). *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade:** diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 1. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.211-230. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-84-2.p211-230>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PERSONAGENS TRAVESTIS, VIOLÊNCIA E SUBALTERNIDADE NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO (2000-2016)

Luiz Henrique Moreira Soares

Rosiney Aparecida Lopes do Vale

Adenize Aparecida Franco (In memoriam)

INTRODUÇÃO

Todo espaço social é um espaço em constante disputa. Assim, a literatura pode ser entendida como um espaço da construção de identidades, no qual se cria a possibilidade de problematizar e expressar as dinâmicas sociais, indagar sobre consensos e cristalizações. Como já apontado por Bakhtin (1995), o indivíduo é construído na e pela linguagem, além dos inúmeros sistemas simbólicos pelos quais a identidade pode ser representada. A linguagem, para Wittig (1985 apud BUTLER, 2003,

p. 162), exerce o poder de projetar feixes de realidade sobre o social, ao mesmo tempo em que carimba, molda e violenta os corpos.

É a partir das práticas linguísticas e de significação que são produzidas as identidades e as diferenças. Entende-se a linguagem, também, como um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade e que acabam sendo percebidos como naturais e essenciais (BUTLER, 2003, p. 168). A “verdade”, assim construída, está inteiramente ligada às noções de poder e modos de vigilância, de forma a controlar os corpos.

Devido ao seu aspecto (trans) formador, a literatura pode atuar sob uma linha tênue, que separa a manutenção do preconceito e da discriminação, da desconstrução de imagens estereotipadas e negativas. O discurso literário é também um discurso político. Não se pode separar a literatura do seu momento histórico de produção e nem da cultura à qual está inteiramente ligada, uma vez que ela adquire o poder de dialogar com o pensamento social.

Os estudiosos da cultura, entretanto, apontam para questões mais amplas, que abrangem a “celebração artística e cultural” estabelecida pelo cânone literário. O próprio processo de canonização é assentado em um princípio de seleção e exclusão, e sua concepção engendra a subjetividade de grupos minoritários, “[...] prevalecendo autores europeus geralmente do sexo masculino, heterossexuais, brancos e pertencentes às elites.” (CALEGARI, 2013, p. 13). Desta feita, a literatura avulta-se como um espaço em disputa, que proporciona a possibilidade do choque de ideias e perspectivas. A figura do autor, como afirma Barthes (1999, p. 33), também exerce a posição daquele que “fala no lugar do outro”, e, por estar socialmente situado, possui o poder de julgar e excluir, sem levar em consideração a subjetividade e as possibilidades de fala.

Na literatura contemporânea brasileira, principalmente aquela produzida nos primeiros anos da década de 1990 até os dias atuais, é possível notar a presença da multiplicidade nas obras, multiplicidade tanto em relação às formas de produção e disseminação das obras, quanto às vozes que circundam nos textos literários. Longe de ser apenas uma mera representação da realidade, constata-se que a produção literária recente incorpora novas vozes, o experimentalismo de novas formas e processos de criação artística, fragmentação nas demarcações de tempo e espaço, além de maior subjetividade na construção de enredos e personagens.

Apesar disso, o campo literário brasileiro é, ainda, marcadamente homogêneo. Quando pensado, aponta para um conjunto de problemas, advindos de nossa época globalizada e fragmentada: a personagem contemporânea, especialmente a representativa de grupos minoritários, ainda é configurada em lugares e espaços pré-definidos, interpelada por poderes paralelos.

Resende (2008, p. 20), em sua obra *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*, pontua que, nessa produção literária recente, o “centro” e a “margem” aparecem desfigurados, apresentam “[...] olhares oblíquos, transversos, deslocados que terminam por enxergar melhor.” É justamente na obliquidade que as novas formas de criação literária se agrupam: o aspecto irônico e debochado, a temática do trágico, a violência das grandes cidades, o consumismo desenfreado, o cotidiano privado e o processo de (re)construção da memória individual e coletiva, traumatizada. Novas abordagens nos estudos literários, dando destaque à obras que convergem na desconstrução de ideias cristalizadas pelo discurso heterossexista, vêm colocando em xeque visões essencialistas e propõem discussões mais amplas sobre temas pertinentes à crítica cultural.

Para Dalcastagnè (2012, p. 49), a personagem da narrativa contemporânea ‘sabe seu devido lugar’. A teórica afirma que a divisão de classes, raças e gênero é muito bem marcada na literatura brasileira: grupos marginalizados historicamente, como pobres, negros, mulheres, homossexuais e corpos que fogem às normas de gênero, são relegados de ocupar determinados espaços, em comparação aos espaços destinados ao homem branco, heterossexual, católico e de classe média. O que resta para essas personagens é o espaço da subalternidade, o espaço dos presídios, o espaço da favela, o espaço da exclusão, o espaço da prostituição, o espaço da rua, o espaço da cozinha e o espaço da servidão.

Algumas produções literárias, especialmente as que se inserem na contemporaneidade, alteram a “silhueta do sujeito”, (des) montam o indivíduo essencial posto como referência, construído sob um modelo dominante e que não favorece as subjetividades e perspectivas. Essas produções propõem um novo olhar, constroem novas significações sobre o indivíduo contemporâneo, de identidade marcadamente fragmentada, “[...] composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.” (HALL, 2006, p. 12). Citando Bourdieu (2007), Fernandes e Schneider (2016, p. 157), afirmam que:

Entre as chamadas minorias segregadas, nenhuma, talvez, tenha experimentado tanto o rechaço cultural e a violência simbólica (BOURDIEU, 2007), como também a violência física, quanto aquela formada por homens e mulheres que perturbaram as fronteiras de gênero travestindo-se, no intuito de construir uma identidade outra ou de viver uma subjetividade diferente da considerada “normal” nos termos binários que regem o campo da sexualidade na maior parte das sociedades ocidentais.

Pode-se observar que grupos não-hegemônicos muitas vezes são representados em situações negativas dentro do contexto social. Essas representações os colocam em posições de marginalidade e subalternidade. Julga-se necessário, porém, no âmbito desse artigo, mapear e analisar os espaços de violência e subalternidade em que personagens travestis são configuradas no romance contemporâneo brasileiro (2000-2016), como forma de evidenciar essas obras, que, em geral, não fazem parte do cânone literário.

Não obstante, configura-se como escorregadio e complexo o campo no qual se inserem os estudos sobre identidades no contemporâneo, por acreditar em um processo de construção identitária formada ao longo do tempo, não congênita. Nesse contexto, propõem-se a ressignificação das vivências representadas, como forma de resistência e construção de novas histórias, novas imagens e representações dessas personagens. Questionar os espaços subalternos de configuração é, também, questionar sobre as hierarquias, exclusões, negações e violências que são condicionados esses corpos no Brasil, em um jogo de poderes que define o que é humano e o que é indigno.

A TRAVESTI: UMA PERSONAGEM E UM CORPO NA HISTÓRIA

A identidade travesti faz parte dos corpos que, historicamente, são construídos sob discursos hegemônicos e heterossexistas, que hierarquizam os espaços e as subjetividades. À travesti, nesses espaços hierarquizados, é negada a possibilidade de produção e de representação artística, embora sejam representadas por outros, autores de outras histórias e vozes, autoridades que “[...] possuem o poder de julgar e falar no lugar do outro” (BARTHES, 1999).

A travesti¹, segundo Don Kulick (2008, p. 27), tem a capacidade de transmitir e despertar a repulsa e o medo, mas ao mesmo tempo, uma atração eletrizante, onde quer que esteja. Então, a identidade aqui estudada refere-se a sujeitos caracterizados ao nascer, tradicionalmente, como sendo do sexo masculino, mas que acabam por assumir “[...] condensações de determinadas ideias gerais, representações e práticas do masculino e feminino.” (KULICK, 2008, p. 26). Ou seja, as travestis não estão em lugar propriamente subversivo, pois elaboram “determinadas configurações de sexo, gênero e sexualidade que sustentam e (re) significam as concepções de ‘homem’ e ‘mulher’ no Brasil”. São corpos abjetos no sentido da negação da subjetividade, na colocação desses seres como objetos de inúmeras violências – física e simbólica –, são corpos indizíveis, (in)visíveis e ambíguos, nos quais o discurso dominante atravessa e interpela, tornando-os seres desumanizados e indignos.

Nas palavras de Butler (2003 p. 162), esses corpos constituem o domínio do “abjeto”: são destinados a ocupar o não-lugar, o lugar fronteiro e inabitável do (não) dizer-se, do não expressar-se. Ainda, para a teórica, os sujeitos que possuem “imagens corporais” que não se encaixam em nenhum desses gêneros (masculino e feminino) ficam fora do humano, “constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”. No corpo social, onde “a linguagem projeta feixes de realidade”, conforme Monique Wittig² (1985 apud BUTLER, 2003, p. 162) nos lembra, são definidas as vidas e as subjetividades dignas de serem vividas e os corpos dignos de importância, ao mesmo tempo em que a linguagem também “carimba, molda e violenta os corpos”.

¹ A conceituação de travesti e transexual é um tanto quanto polêmica, posto que haja dificuldade em se estabelecer e finalizar conceitos no contemporâneo. De forma grosseira, as travestis podem significar sujeitos que foram identificados biologicamente como homens ao nascer, mas que adotam comportamentos, nomes e roupas comuns do sexo feminino, construindo uma identidade semelhante ao que se é chamado de “feminilidade”. Diferentemente das transexuais, as travestis não se submetem às cirurgias para retirada da genitália, nem desejam tornar-se mulheres, caminhando sob o trilho da ambiguidade e do hibridismo. Já as transexuais são caracterizadas/as como sujeitos que não se identificam com o órgão sexual na qual nasceram e desejam manifestar a identidade do sexo oposto, recorrendo às cirurgias de redesignação ou mudança de sexo. Convém destacar que a cirurgia de mudança de sexo não é o que caracteriza a pessoa transexual. Acima de qualquer procedimento cirúrgico está o seu desejo em manifestar integralmente a identidade com a qual se sintam à vontade.

² Judith Butler, no capítulo 3, do seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), ao debater ideias sobre a linguagem e atos corporais, traz uma importante afirmação da teórica francesa Monique Wittig: para ela, “[...] a obra literária pode operar como uma máquina de guerra”, até mesmo como uma “máquina perfeita de guerra.” (BUTLER, 2003, p. 172).

Acompanhada por um processo de urbanização, como demonstra James Green (2000), a identidade travesti desenvolveu-se nas grandes cidades brasileiras a partir das décadas de 60 e 70. Antes disso, o termo “travesti” era constantemente ligado à figura de artistas transformistas que se apresentavam *shows* glamorosos pelo país. Tal diferença se constitui devido à entrada das travestis no universo da prostituição e a ocupação de ruas e avenidas das grandes cidades. O espaço citadino e urbano, conforme observam Kulick (2008) e Pelúcio (2005), é ambiente propício às manifestações “transgressoras” das sexualidades, à libertação dos próprios desejos e subjetividades. Pensar essa identidade, portanto, é pensar em construções complexas e peculiares que abalam os binarismos e normas de gênero.

Segundo Miranda (2008), as travestis (sobre) vivem entre camadas de preconceitos e são configuradas a partir de uma ótica discursivamente negativa, que constrói “verdades” sobre os corpos e sobre as vivências. É por isso que, dentro dos estudos literários, abre-se a possibilidade de (re) construir e (re) materializar os corpos e as ideias, como forma de evidenciar os preconceitos e as exclusões, (re) pensar, sempre que possível, na subversão dos cânones da própria linguagem.

A exclusão e o silenciamento, para Dalcastagnè (2010, p. 42-43), advém da produção controlada do discurso, que impossibilita e nega o direito à fala de grupos marginalizados. Por estarem excluídos da produção literária, esses sujeitos acreditam ser incapazes de produzir ou fazer parte do campo literário³. A exclusão mantém o rechaço cultural e promove, por meio dos discursos negativos, a manutenção da violência física e simbólica. Conforme observa Inácio (2012), no ensaio *Sobre Geni e Gisberta: baladas e amores trágicos*, a travesti/trava/transsexual vem habitando o imaginário cultural de maneira silenciosa:

[...] como ocupando lugar semelhante ao de tantas e tantas outras figuras mundo, obliteradas e tornadas apenas objeto pelo campo literário: o negro, a mulher pobre, a criança, o homossexual, corpos manipuláveis pelos discursos de poder, pelas políticas do discurso, pela impossibilidade de dizerem sobre si mesmos muitas vezes. (INÁCIO, 2012, p. 34).

³ A própria definição de literatura tem caráter ideológico e pode ser entendida como uma prática discursiva, uma disputa estrutural na conceituação de ideias e valores, que edificam e/ou reforçam privilégios e estabelecem fronteiras (REIS, 1992, p. 72).

Para Inácio (2012), é necessário pensar sobre a margem que se desenha dentro da própria margem e “dos discursos ditos e tidos como marginalizados”, posto que a travesti, também não possui lugar específico dentro desses discursos, e muitas vezes é desprovida do caráter de enunciação própria e legitimidade.

Em outras palavras, a literatura não se encarrega de referir-se ao mundo, mas “representa suas linguagens e discursos”. No livro *Crítica da Imagem Eurocêntrica: multiculturalismo e representação* (2006), Ella Shohat e Robert Stam debatem a questão da representação na contemporaneidade, e como a arte, de certa forma, incorpora representações hegemônicas que dizem muito sobre a sociedade atual. Os autores admitem que não é tarefa fácil identificar distorções em um objeto cultural, todavia, sabem da importância das representações e que elas possuem efeitos reais sobre o mundo (SHOHAT; STAM, 2006, p. 262).

Há muitas questões em jogo: a representação não busca o real, nem o deve assim fazer, mas é certo de que um objeto cultural admite a inserção de referências da vida comum. O fato é que uma obra literária, como toda e qualquer representação artística, trata-se de um artefato social, que transita entre uma conjunção de ideologias e discursos, que são sociais e históricos. Logo, a literatura seria parte inseparável da cultura. Os teóricos afirmam que:

[...] a arte é inegavelmente social não porque representa o real, mas porque constitui uma “enunciação” situada historicamente - uma rede de signos endereçados por um sujeito ou sujeitos constituídos historicamente para outros sujeitos constituídos socialmente, todos imersos nas circunstâncias históricas e nas contingências sociais. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 265).

O que se observa não é simplesmente se um texto busca ou não a realidade, a verdade (in) existente. A questão vai além, e trata da (re) produção de discursos tradicionalmente patriarcais e conservadores que promovem exclusão e negação, agindo como controladores de uma ordem social, recheada de desejos, intenções, poderes e lutas.

Destarte, discutir literatura também seria discutir sobre jogos simbólicos de poder, que acabam por demonstrar que o discurso literário

não está isento de neutralidade. Desse modo, indagar sobre a representação de personagens travestis na literatura brasileira é pensar sobre a sociedade contemporânea, os discursos que rondam os corpos e seus espaços sociais de (não) ocupação.

A LITERATURA COMO UM TERRITÓRIO DE CONTESTAÇÕES

A pesquisa investigou diversas teses, dissertações, artigos científicos, catálogos de editoras, textos em jornais e revistas, a fim de encontrar e evidenciar romances que apresentassem personagens travestis. No processo de mapeamento, alguns critérios foram necessários para que fosse possível reconhecer determinada obra como importante ao trabalho: 1) romances escritos originalmente em português; 2) autor (a) de nacionalidade brasileira; 3) publicação após os anos 2000; 4) romances que apresentam em sua composição personagens travestis, como protagonistas ou mesmo personagens secundárias.

A escolha do gênero romance, em detrimento de contos ou peças de teatro, decorre da amplitude e complexidade com que as personagens alcançam na construção narrativa, além de o texto apresentar estruturas não convencionais e ser um gênero literário em constante mutação. Em um primeiro momento, os dados coletados foram distribuídos em uma planilha, organizados, de forma a obedecer aos itens: título da obra, autor (a), editora, personagens (protagonistas e secundárias) e ano de publicação.

Na tabela abaixo, pode-se observar os dados coletados:

Tabela 1 - relação de obras, autores, personagens, editora e ano de publicação

OBRA	AUTOR	EDITORIA	PERSONAGENS TRAVESTIS	ANO DE PUBLICAÇÃO
O azul do filho morto	Marcelo Mirisola	Editora 34	“o zelador travesti”	2002
Homens há muitos	Francisco Salgueiro	Oficina do Livro	Não atuante	2003
Os demônios morrem duas vezes	Fernando Pessoa Ferreira	Códex	-Sheila Beatriz -Rose	2005
Berenice Procura	Luiz Alfredo Garcia- Roza	Cia. das Letras	-Valéria	2005

Da paisagem fogem os pássaros	Antonio Carlos Teltamanzy	7 Letras	Não atuante	2006
Morte nos búzios	Reginaldo Prandi	Cia. das Letras	Não atuante	2006
Deixei ele lá e vim	Elvira Vigna	Cia. das Letras	-Shirley Marlone -Mamãeoutrinha	2006
A inevitável história de Leticia Diniz	Marcelo Pedreira	Editora Nova Fronteira	Leticia	2006
A Boneca Platinada	Álvaro Cardoso Gomes	A Girafa	Não atuante	2007
A louca	Del Candeias	Dix Editorial	Paula	2007
Desacelerada Mecânica Cotidiana	Arlindo Gonçalves	Editora Horizonte	Vladimir	2008
Pornopopeia	Reinaldo Moraes	Objetiva	Lolla Bertoludzy	2008
Concerto Amazônico	Álvaro Cardoso Gomes	Ateliê Editorial	Não atuante	2008
Aos meus amigos	Maria Adelaide Amaral	Editora Globo	Cíntia	2008
Do fundo do poço que se vê a lua	Joca Terron Reiners	Cia. das Letras	Wilson	2010
Elvis e Madona: Uma novela lilás	Luiz Biajoni	Língua Geral	Madona	2010
Cortina de Sangue	Braz Chediak	Mirabolante	Não atuante	2010
Odara	Márcio Paschoal	Record	Odara	2011
Crimes Bárbaros	Christian Petrizi	Editora Baraúna	Barbara Taylor	2011
Um brinde em copos de plástico	Ricardo Carlaccio	Editora do Autor	Tinky Winky	2011
Se Freud Explicar...	Shirley Queiroz	Clube de Autores	Andréia de Maio	2011
O senhor das sombras	Rosalvo Leal	Biblioteca 24 horas	Fulô	2011
A espetacular vida da Morte	MJ Macedo	Gutenberg	Não atuante	2012
Guadalupe	Angélica Freitas/Odyr	Quadrinhos na Cia	Minerva	2012
Scarlett	Reynaldo Araújo	Metanoia	Scarlett	2012
O cafuçu	Marcos Soares	Metanoia	Não atuante	2012
Luís Antônio Gabriela	Nelson Baskerville	Nversos	Gabriela	2012

Nossos Ossos	Marcelino Freire	Record	Estrela	2013
A mais amada	R.W Gomes	Clube de Autores	Elma	2013
Machu Picchu	Tony Bellotto	Cia. das Letras	“O sogro travesti”	2013
As fantasias eletivas	Carlos Henrique Schroeder	Record	Copi	2014
Sim, eu sou mulher	Mônica Candiani	Metanoia	Isabel	2014
O diário de Marjorie	Marcos Soares	Metanoia	Marjorie	2014
Na esquina de batom	Evandro Fernandes da Silva	Editora In House	Lady Lucy	2015
Me deixe morrer em Seattle	Karen Schumacher	Biblioteca 24 horas	Felicity	2015
É assim que me lembro	R.R Silva	Clube de Autores	Não atuante	2015
A vida não tem cura	Marcelo Mirisola	Editora 34	Baronesa	2016
Crianças perdidas	Mateus Gonçalves	Biblioteca 24 horas	Mirian Machado	2016
Ultraje!	Marcelo Bossler	Clube de Autores	Não atuante	2016

Fonte: elaborada pelos autores.

Longe de investigar, criticar ou “policar” o trabalho dos escritores, esse artigo propõe-se a pensar o mapa de ausências de personagens travestis na literatura brasileira. É necessário evidenciar essas obras e analisá-las sob o viés da resignificação, questionar o está representado e propor novos sentidos e imagens, que não sejam conservadores ou que provoquem ainda mais a invisibilidade desses sujeitos na sociedade. As perguntas que norteiam nossas reflexões são: que tipo de histórias são contadas sobre as travestis? Como elas são representadas nas narrativas? O olhar dessas personagens é levado em consideração? Que tipo de espaço é reservado para elas?

No processo de mapeamento e análise dos dados coletados, foram encontradas 39 obras, publicadas entre 2002 e 2016. Pode ser possível constatar a presença majoritária de autores homens, que, conforme aponta Dalcastagnè (2012, p. 148), também monopolizam os lugares de fala no interior das narrativas. São 32 autores homens e apenas 7 autoras mulheres.

O fato é que o cânone literário brasileiro tende a refletir um caráter excludente, no que se refere aos quesitos de classe, raça e gênero. Então, muitas obras que propuseram torcer o olhar sobre os esquemas de dominação e exclusão presentes na sociedade, foram banidas e omitidas das historiografias literárias “[...] tornando-se pouco lidas, estudadas e criticadas, e permanecendo, inclusive pela temática, à margem do cânone oficial.”, como aponta Fernandes (2016, p. 53).

Essas exclusões são evidentes quando observamos o número de personagens travestis presentes nos romances mapeados: foi possível encontrar aproximadamente 50 personagens, dentre protagonistas e personagens secundárias. As protagonistas somam 18 personagens, e as restantes podem ser representadas como “não-atuantes”, seres sem nomeação e atuação nas narrativas. Quando se analisa a questão dos espaços, vê-se que essas narrativas ainda demarcam determinadas ideias sobre os corpos, de forma a reafirmar hierarquias e dominações:

Tabela 2- relação dos espaços em que são representadas personagens travestis no romance contemporâneo

Espaços de representação	Porcentagem (%)
Espaços não-identificáveis	23,1%
Violência/Morte	33,4%
Rua/Prostituição	43,6%
Trânsito/ <i>dark room</i>	25,7%
Outros espaços	7,7%

Fonte: elaborada pelos autores.

É possível observar que a maioria das personagens travestis ocupa o espaço prostituição, da rua, da exclusão social, da prisão e do entre-lugar. O que chama a atenção é que os espaços de representação na literatura contemporânea parece construir e reafirmar desigualdades sociais. Claramente, os espaços mapeados, que podem ser tanto físicos quanto simbólicos, resguardam significações importantes para se pensar a configuração de personagens travestis na literatura. Os espaços se intercomunicam, como uma cadeia de preconceitos, que recaem sobre o corpo travesti. A problemática que se configura é a constante higienização

de alguns espaços em detrimento de outros, como é o caso da prostituição. Embora os discursos conservadores definam o espaço da prostituição de modo pejorativo e marginalizado, esse território pode ser entendido como elemento de construção da pessoa travesti (PELÚCIO, 2005, p. 221-222). É na convivência e (sobre)vivência nesse espaço que abre-se a possibilidade das travestis incorporarem valores e noções do feminino.

A constante negação de alguns espaços sociais, historicamente subjugados, (re) constrói estigmas que atravessam os corpos marginalizados, e logo, precarizam a vida. Nesse sentido, pensar o estigma constante do/no corpo travesti na literatura, é pensar no estigma reproduzido socialmente, em espaços ocupados socialmente pela não-vida, pelo não-direito e pelo desejo no higienizado. Antes de tudo, problematiza-se esses espaços a partir de seus estigmas, representados e reproduzidos por uma literatura contemporânea que também se constrói sob estigmas.

O que mais preocupa, de acordo com os dados observados na pesquisa de mapeamento, é que a literatura brasileira parece incorporar ou representar um determinado senso comum, sem levar em consideração a subjetividade de cada indivíduo. Além da monopolização hegemônica do masculino, há, também, certa produção hegemônica nos espaços de representação de personagens travestis.

A maioria das narrativas mapeadas é constituída no espaço urbano das cidades. Tal como uma personagem, a cidade na narrativa contemporânea aparece configurando e diluindo os sujeitos, combinando elementos de segregação, separação das esferas pública e privada, a divisão geográfica entre as margens e o centro, e violências. A importância de se pensar o espaço da cidade é justamente nos constantes deslocamentos que o indivíduo contemporâneo realiza, um deslocamento que se configura, principalmente, nas ausências.

Nas palavras de Maria Clara Araújo (2016), a vida de uma travesti brasileira é construída a partir de ausências; ausências que são múltiplas, mas que sobressai a ausência do direito de viver:

[...] ouvi de uma travesti que o brasileiro parece acreditar que travestis não sangram. Ao dizer isso, ela sintetizou, para mim, o que venho construindo por todo esse tempo que tenho não só vivido enquanto uma travesti, como também estudado o que é ser travesti no Brasil: somos vistas como sub-humanas aos olhos

dos brasileiros. Nossas lágrimas enquanto levamos facadas, nossos apelos enquanto somos carbonizadas, nossos gritos enquanto estamos sendo espancadas... nada disso os faz serem empáticos. Uma vez que nossa vida, na visão de quem nos genocida, não importa. Ela não merece sua empatia. (ARAÚJO, 2016).

A afirmação acima é clara e precisa. Segundo pesquisa divulgada pela *Transgender Europe* (TGEU), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas mais de 604 mortes no país.

Esses dados refletem, de certa forma, sobre a realidade que as travestis brasileiras enfrentam historicamente, como foi retratado, por exemplo, no documentário *Temporada de caça* (1988), no qual a cineasta Rita Moreira revela a presença do ódio e da violência às minorias na sociedade e no imaginário brasileiro, frente a onda de crimes que ocorriam contra LGBTTIQAs no final da década de 1980.

Embora a tragicidade e o estranhamento sejam características comuns na literatura contemporânea, como aponta Resende (2008), elas parecem ganhar destaque principal quando analisamos os romances nos quais há personagens travestis. É possível observar nas pesquisas que, em 12 romances, as personagens travestis têm final trágico. Em alguns textos, a configuração das travestis parece representar um tipo de arquétipo não questionável. Aproximadamente 80% das narrativas mapeadas apresentam algum tipo de violência contra essas personagens, seja violência física ou simbólica.

Pode-se observar, contudo, a partir das obras mapeadas, que as travestis podem apresentar 4 (quatro) representações problemáticas na literatura: a travesti pode aparecer nas narrativas como um corpo morto, assassinas e perigosas, como seres angustiados que encontram na morte o seu único destino, ou como personagens não-atuantes. Veja a tabela:

Tabela 3 - relação das representações de personagens travestis no romance contemporâneo brasileiro

Representações violentas	
Corpo morto	Encontrada comumente no início de narrativas policiais; a personagem travesti configura-se como mais um número na estatística, sua voz não é ouvida;
Assassinas, perigosas	Encontrada comumente em romances policiais; A personagem é indiciada por assassinatos, roubo e é tida como alguém perigoso e traiçoeiro;
Final trágico	A personagem encontra a morte ao final da narrativa, geralmente pelo suicídio. A morte é como um destino traçado ou redenção possível;
Não-atuação	A personagem não tem voz, não tem representação nem nome; É um corpo que anda pelo mundo, parte figurante da história, não tem narrativas próprias;

Fonte: elaborada pelos autores.

A primeira representação diz respeito à personagem travesti como um corpo morto, um cadáver sem nenhuma importância. Encontrada no início de narrativas policiais, a personagem se configura como mais um número na estatística e sua voz nunca é ouvida. Como exemplo, podemos citar os romances *Berenice Procura* (2005), de Luiz Alfredo Garcia Roza, *A boneca platinada* (2007), de Álvaro Cardoso Gomes e *Os demônios morrem duas vezes* (2005), de Fernando Pessoa Ferreira. Em *Berenice Procura*, o leitor se depara com uma trama investigativa sobre a vida e morte da travesti Valéria, encontrada morta a facadas na beira da praia de Copacabana:

Era quase meio-dia quando o corpo do travesti foi removido. Valéria, seu nome de guerra, foi o máximo que os policiais conseguiram obter dos empregados dos quiosques à beira da calçada. Não sabiam seu nome verdadeiro, onde morava e se morava sozinho. Ninguém o vira na noite anterior. Valéria era da área, nisso estavam de acordo. **Quanto ao resto, os policiais achavam que era questão de tempo e paciência, embora o pouco que tinham de tempo e paciência não era para ser desperdiçado com putas e travestis.** (ROZA, 2005, p. 12, grifo nosso).

Embora essa ficção policial trate de investigar o assassinato de Valéria, colocando a taxista Berenice e o sem-teto Russo como protagonistas da narrativa, o assassino não é preso nem condenado.

A segunda representação a ser observada nesses romances é a personalidade assassina e perigosa. De caráter frio e calculista, essas personagens, muitas vezes, estão envolvidas no submundo do crime, perseguidas pela força policial e/ou investigadas por assassinatos e roubos, como no romance *Crimes bárbaros* (2011), de Christian Petrizi, no qual a travesti Barbara Taylor é indiciada pelo suposto assassinato de um médico, ou em narrativas como *Scarlet* (2012), de Reynaldo Araújo. Nesse ponto de representação, pode ser constatada a presença de narrativas que apresentem, ainda, personagens travestis que lutam pela sobrevivência, em meio ao espaço, por vezes perigoso, da prostituição, como no romance *Me deixe morrer em Seattle* (2015), de Karem Schumacher, e *Hotel Brasil: o mistério das cabeças degoladas* (1999), de Frei Betto.

Outra representação mapeada durante a pesquisa foi a da personagem travesti com final trágico, no qual tem-se a morte como um destino traçado ou redenção possível. Podemos citar os romances *As fantasias eletivas* (2014), de Carlos Henrique Schroeder, *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), de Marcelo Pedreira, e *Luís Antônio-Gabriela* (2012), de Nelson Baskerville.

Narrado em terceira pessoa, *As fantasias eletivas* (2014) conta a história de Renê, um frustrado e solitário recepcionista de hotel da cidade de Balneário Camboriú e, também, conta a história da travesti Copi, que, sem família e sem destino, vai sobrevivendo da prostituição e escrevendo pequenos textos tendo como referência ou “inspiração” fotos que realiza com uma câmera Polaroid. Copi apresenta seu book à Renê e briga com ele para que indique seu trabalho no hotel. Renê nunca a chama para trabalho algum, já que ela não era uma “mulher”. Antes do final trágico de Copi, que cometeu suicídio cortando os pulsos em seu quarto de hotel, o leitor tem acesso aos textos e fotografias compostas pela personagem.

Renê segurou a foto da menina no trilho e não conteve as lágrimas: lembrou daquela tarde, havia duas semanas, em que estava sentado na cozinha de Copi, tomando um Malbec que ela trouxera de Mendoza, e como ela parecia eufórica, feliz e radiante naquela tarde. Era injusto que estivesse morta agora, mas o que é a justiça? É coisa de homens, não de deuses, nem de travestis. (SCHROEDER, 2014, p. 53).

Em *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), a personagem Letícia, que também comete suicídio ao final da narrativa, jogando-se nua do oitavo andar de um prédio, ouve atenta aos conselhos do Tio Cristina sobre a vida de uma travesti:

Eu sempre te disse: travesti tem que ser dez vezes mais corajoso, dez vezes mais forte e dez vezes mais persistente para vencer na vida. Fraqueza não é luxo permitido pra gente do nosso tipo, tá me ouvindo? Não foi essa a tua escolha? Agora vai... Vai... Vai e não olha mais pra trás. (PEDREIRA, 2006, p. 16).

O romance de Pedreira narra a história de Letícia Diniz, uma travesti do norte do Brasil que decide abandonar a vida em Porto Velho e tentar a sorte no Rio de Janeiro, trabalhando na prostituição. Desde o início da narrativa, o leitor tem acesso aos diários e escritos da personagem, contados por um narrador inicialmente misterioso. A vida da travesti Letícia é atravessada por inúmeras violências e exclusões: as discriminações sofridas na escola, o estupro cometido pelo próprio pai, o sonho impossível de ser rica e famosa. Em uma passagem do romance, ao chegar à cidade do Rio de Janeiro com sua amiga Alicinha, e realizar o seu primeiro programa, a personagem é atravessada pela angústia da exclusão:

[...] o homenzinho sem graça ordenou, com seu sotaque de nazista, o fim da sodomia. Voltou a masturbar-se com ainda mais sofreguidão e finalizou o programa gozando profusamente no ventre dourado da “travesti-de-trinta-reais-cuja-história-pouco-me-importa”. Esvaziado momentaneamente de sua incômoda devassidão, e reduzido a seu metro e sessenta e poucos centímetros originais, o homenzinho levantou-se, vestiu a roupa com pressa e partiu, cabisbaixo, de volta aos braços de sua mulher e filhos sem sequer dizer “tchau-obrigado-fica-com-Deus”. Tudo durara apenas 15 nojentos minutos. Letícia continuou ali, sentada na beirada da cama, absorta, solitária, com o esperma do estranho a escorrer pela sua virilha. O príncipe encantado lhe dera o cano e aquela agora era a sua realidade, com a qual precisava se entender. (PEDREIRA, 2006, p. 81).

A primeira experiência de Letícia com a prostituição demonstra bem como os espaços e os corpos são colonizados pelo poder hegemônico machista e falocêntrico. Ao retornar para a casa, a personagem escreve em

seu diário: Então é isso... Os tubos de PVC da sociedade onde os calígulas se aliviam... É pra isso que a gente serve... Pras famílias deles poderem viver na luz, longe de toda essa podridão (PEDREIRA, 2006, p. 81).

A última configuração que pode ser observada na pesquisa é a representação da personagem travesti como seres não-atuantes. Isso é o que caracteriza a maior parte das obras mapeadas. Nelas, as personagens são nomeadas como “criaturas”, seres anormais que transitam pelas ruas, de perfil “exótico” e indecifrável. Como exemplo, podemos citar as obras *Homens há muitos* (2003), de Fernando Salgueiro, *Concerto Amazônico* (2008), de Álvaro Cardoso Gomes, e *Morte nos búzios* (2006), de Reginaldo Prandi.

Nas palavras de Butler (2003 p. 162), os corpos abjetos quase sempre estão destinados a ocupar o entre - lugar, o lugar fronteiro e inabitável do (não) dizer-se, do não expressar-se como parte de um corpo social. Os sujeitos que possuem “imagens corporais” que não se encaixam em nenhum desses gêneros (masculino e feminino) ficam fora do humano, “constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”, logo, são corpos “dignos” de violência, à medida que são vidas indignas de importância.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pode-se concluir, a partir das análises feitas, que, embora a literatura contemporânea brasileira constitua-se na “era da multiplicidade”, a travesti ainda é representada como o “outro” nos discursos sociais (MIRANDA, 2008). O corpo travesti, ambíguo e denunciador da cristalização das normas de gênero, aparece sendo representado e (re) criado a partir da montagem de imagens e discursos hegemônicos, muitas vezes negativos. A representação dessas personagens em espaços de estigma e exclusão, como pode ser percebido no mapeamento, reafirma condições de marginalidade e preconceito. Além disso, a associação constante de personagens travestis ao submundo do crime, da prostituição, da rua e da doença, resguardam estereótipos, que são também reafirmados por outros meios culturais e de comunicação.

O que deve ser evidenciado são as perigosas naturalizações que o discurso literário pode ter. Assim, segundo Dalcastagnè (2012, p. 12), “[...] não é simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações

da realidade, mas, sim, que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais.”. Em outras palavras, há uma preocupação em observar a forma como se materializam as representações, se há um reforço nos estereótipos ou propõem-se debates acerca da construção de identidades e da problematização de discursos dominantes.

No campo ficcional, entretanto, é necessária a análise crítica das produções e seus espaços demarcados, como forma de (r)existência e desestabilização aos discursos dominantes, em um território que deve ser contestado e reconstruído.

Outrossim, as travestis ocupam um lugar na literatura brasileira. Embora representada em uma parcela ínfima nas produções literárias, não apenas as que se inserem na contemporaneidade, mas em um processo histórico de repulsa, de exílio e do entre-lugar. O papel das travestis na literatura brasileira é (de) marcado pela subversão (embora ela não represente uma função teoricamente subversiva), pela doença e pelo nojo.

Apesar de tudo, vale destacar que as travestis vêm conquistando importantes espaços na sociedade brasileira. Não apenas como personagens de livros, filmes, ou novelas, mas como agentes culturais e sociais de resistência às discriminações e violências: seja na música, com Linn da Quebrada, As Bahias e a Cozinha Mineira e Rosa Luz, seja na academia e nas ciências, com Maria Clara Araújo, Viviane Vergueiro e Luma Nogueira, seja na literatura, com Amara Moira e Bianca Lafroy, ou no teatro, na TV e no cinema, com Renata Carvalho, Dandara Vital e Leonarda Glück, por exemplo.

Portanto, o que fica evidente é a capacidade de luta política do corpo, sendo necessário desmistificar os espaços e as narrativas com espaços higienizados, subverter os cânones da própria linguagem e estabelecer possibilidades de construção de novas histórias, novas imagens e representações. Ao trazer novos sentidos para as vivências de travestis na literatura brasileira, não se trabalha apenas na inclusão social – física e simbólica –, ou o acesso aos bens culturais; trabalha-se na construção sociológica e humana das travestis, na admissão de suas identidades, e na (re) montagem dos espaços representativamente excludentes;

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. C. *Brasileiros possuem uma dívida histórica com as travestis*. 2016. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2016/12/08/brasileiros-possuem-uma-divida-historica-com-as-travestis/>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- ARAÚJO, R. *Scarlet*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BASKERVILLE, N. *Luís Antônio-Gabriela*. São Paulo: Nversos, 2012.
- BETTO, F. *Hotel Brasil: o mistério das cabeças degoladas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALEGARI, L. C. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. In: FOSTER, D. W.; CALEGARI, L. C.; MARTINS, R. A. F. (org.). *Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 11-36.
- DALCASTAGNÈ, R. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 40-64.
- DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- FERNANDES, C. E. A. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas do século XX: 1960-1980*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira - Crítica e Interpretação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/TESE-CARLOS-EDUARDO-ALBUQUERQUE-FERNANDES.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- FERNANDES, C. E. A.; SCHNEIDER, L. Personagens travestis, exílio e subalternidade na literatura brasileira. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p. 156-171, 2016. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/dossie.htm> Acesso em: 05 mar. 2017.
- FREIRE, F. P. *Os demônios morrem duas vezes*. São Paulo: Códex, 2005.
- GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.
- GOMES, A. C. *A boneca platinada*. São Paulo: A girafa, 2007.
- GOMES, A. C. *Concerto Amazônico*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- INÁCIO, E. C. Sobre Geni e Gisberta: baladas e amores trágicos (ou um relato de uma experiência estética dupla, acompanhado de alguns poetas e poemas). In: LUGARINHO, M. C. (org.). *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. Manaus: Uea Edições, 2012. p. 31-38.
- KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MIRANDA, A. C. de. Sob camadas de preconceitos: a personagem travesti na literatura brasileira contemporânea. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Santa Catarina. *Anais* [...]. Santa Catarina, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Adelaide_Calhman_de_Miranda_61.pdf. Acesso em: 7 nov. 2019.
- PEDREIRA, M. *A inevitável história de Leticia Diniz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 25, p. 217-248, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26528.pdf>. Acesso: 07 set. 2019.
- PETRIZI, C. *Crimes bárbaros*. São Paulo: Baraúna, 2011.
- PRANDI, R. *Morte nos búzios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- REIS, R. Cânon. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.
- RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- ROZA, L. A. G. *Berenice Procura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SALGUEIRO, F. *Homens há muitos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2003.
- SCHROEDER, C. H. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SCHUMACHER, K. *Me deixe morrer em Seattle*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2015.